

AS MEMÓRIAS EXPERIENCIAIS, BIOGRÁFICA, AUTOBIOGRÁFICA E A AUTONOMIA DO MÉTODO BIOGRÁFICO DE FRANCO FERRAROTTI

Débora Araújo de Medeiros¹

Shirlene Santos Mafra Medeiros²

1 INTRODUÇÃO

Este estudo busca investigar a relação entre memórias, biografia e autobiografia, focando nos trabalhos dos autores Mafra Medeiros (2016) e Ferrarotti (2014). Nesse contexto, o texto pleiteia fazer uma análise das contribuições filosóficas e científicas dos estudos da memória como recurso epistêmico para aprofundar a compreensão do método biográfico e sua autonomia. As interfaces constatadas estão nas principais tendências e conceitos escritos sobre as memórias biográficas, autobiográficas pesquisadas nas colheitas filosóficas, de busca teóricas numa revisão epistemológica de um campo tênue da memória experiencial intersubjetiva e subjetiva apresentada pela Profa. Shirlene Santos Mafra Medeiros (2016) com base na filosofia social de George Herbert Mead, nas concepções do Interacionismo simbólico de Mead e Herbert Blumer, na hermenêutica em Paul Ricoeur na obra *Memória, história e esquecimento* (2012) e Franco Ferrarotti (2014) sobre a autonomia do método biográfico. Os resultados deste estudo serão apresentados aos estudantes de mestrado e usados para aprimorar as ações educativas filosóficas, e ou intervenção pedagógica para melhorar o ensino de filosofia na Educação Básica. Almejamos, portanto, construir uma ponte entre os

¹ Graduada em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2007); graduada em Sociologia; especialista em Marketing e Negócios; professora efetiva no Estado da Paraíba; mestranda no Mestrado Profissional em Filosofia (PROFILO) Núcleo UERN Caicó/RN e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (CAPES).

² Pedagoga pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN; Especialista em Formação de Professores numa Perspectiva Interdisciplinar (UFRN), Gestão Escolar -PROGESTÃO; Mestre em Ciências Sociais pela UFRN; Doutora em Memória, Linguagem e Sociedade –Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia –UESB. Professora do Departamento de Filosofia – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN e do Mestrado Profissional em Filosofia –PROF/FILO da UERN. Coordenadora do Programa de Extensão Memória, Identidade e Formação Social do Sujeito. Membro do Grupo de Pesquisa Filosofia, Educação, Saúde e Pensamento Complexo- GESCOM - E-mail: shirlenemafra@uern.br

aspectos teóricos-metodológicos no componente curricular de Laboratório do Ensino de Filosofia, a memória experiencial e a filosofia em sala de aula. Acredita-se que, ao entender melhor as percepções e teorias, que possamos aprimorar o método científico e a pesquisa em filosofia, bem como, melhorar nossa compreensão de como os indivíduos formam e expressam suas identidades através de memórias, experiências na docência, suas narrativas pessoais e sociais.

A Biografia é o relato da vida de uma pessoa notável, normalmente buscada por curiosidade e para entender a influência dessa pessoa na sociedade. A autobiografia, por outro lado, é o relato da própria vida do autor, trazendo uma perspectiva única e pessoal sobre seus eventos e experiências.

2 AS RAZÕES DE UM REVIVAL

Na concepção de Ferraroti a memória é uma narrativa, um relato pessoal sobre experiências passadas. No entanto, só porque registramos algo que aconteceu conosco, isso não significa necessariamente que o evento ocorreu exatamente da maneira como lembramos. Isso abre espaço para uma abordagem literária e subjetiva da memória - são as lembranças, mais do que os fatos, que constroem as nossas memórias.

Dessa forma, Mafrá Medeiros (2016) explica que memória é passado narrados e escritos nas experiências vividas, mas presente, construída e reconstruída, nas interações sociais nos grupos, que “atualiza” como descreve Henri Bergson constantemente no processo de rememorações e reminiscências.

Um fato interessante sobre a memória é que a invenção e a memória ocupam o mesmo espaço no cérebro. Isso pode levar a situações em que temos a impressão de que algo aconteceu conosco de uma certa maneira, quando na realidade, pode ter ocorrido de outra maneira. Isso se deve à interação complexa entre a invenção e a memória, que coexistem e interagem no mesmo espaço cerebral.

Segundo Mafrá Medeiros (2016, p. 39), "A memória é um elemento essencial para a constituição do Self. A constituição do Self (identidade) ocorre a partir das memórias, desenvolvidas pela linguagem e experiências". Essa afirmação ressalta a

importância da memória na formação de nossa identidade pessoal, social assim como o papel crucial da linguagem e das experiências vividas.

A vida cotidiana está cheia de complexidades e desafios que podem gerar tensões e problemas. As pessoas buscam compreender essas circunstâncias para encontrar soluções, aprender com as experiências e se desenvolverem pessoalmente. Segundo Ferrarotti (2014, p. 31) relata: “As pessoas querem compreender a sua vida cotidiana, as suas dificuldades e contradições, e as tensões e problemas que lhes impõe.” Nesse sentido, a metodologia biográfica pode ser uma ferramenta valiosa. Ao documentar e analisar as experiências de vida de indivíduos, podemos obter uma visão profunda de como eles lidam com as adversidades, superam obstáculos e criam significados a partir de suas experiências. Essa compreensão, por sua vez, tem implicações práticas significativas, como ajudar o bem-estar individual e coletivo.

Ao enfatizar sobre o método do biográfico, Ferraroti (2014) explica que é uma pesquisa que não reduz a experiência humana a categorias pré-definidas, mas busca capturar suas múltiplas dimensões e como elas se influenciam mutuamente. Ele permite a investigação de como os indivíduos interpretam e dão sentido às suas próprias experiências, e como essas experiências estão enraizadas em um contexto social e histórico mais amplo.

Com base nessa afirmativa, Ferraroti (2014) descreve que no contexto do método biográfico, pode ser que a complexidade da vida humana e das experiências individuais seja simplificada ou negligenciada. Isso pode resultar em uma visão unidimensional da pessoa ou do grupo sendo estudado, que não captura a totalidade de suas experiências ou o contexto mais amplo em que essas experiências ocorrem. Ferrarotti (2014, p. 29) afirma que “há muito tempo tinha a impressão de que essas investigações, se bem que rigorosas do ponto de vista metodológico-formal, consideravam geralmente resolvidos problemas que nem sequer tinham sido abordados”. Essa é uma preocupação válida em qualquer pesquisa acadêmica, incluindo a biográfica. Muitas vezes, os pesquisadores assumem certos aspectos de uma questão são resolvidos ou aceitos, sem realmente investigá-los a fundo. Isso pode ser devido a uma variedade de razões, incluindo a falta de tempo, recursos ou até mesmo uma compreensão completa do problema em

questão.

A ressurgência do método biográfico na sociologia. A necessidade de renovação metodológica devido à crise dos instrumentos heurísticos da sociologia, trazendo axiomas fundamentais da metodologia clássica, que é a objetividade e a intencionalidade nomotética. Ele sugere que o esforço para integrar a sociologia no campo das ciências naturais resultou apenas em um método escolástico, sem um crescimento real do conhecimento sociológico. Para o autor, o sociólogo se tornou um técnico do social, usando técnicas neutras de intervenção ou "engenharia social", sem questionar os fundamentos e estruturas do social.

O autor argumenta que o método biográfico pode oferecer uma alternativa a essa abordagem, permitindo uma visão mais holística e integrada do social, em contraste com a fragmentação e a "neutralidade" das técnicas de pesquisa tradicionais.

3 AS METAMORFOSES DO MÉTODO BIOGRÁFICO

O método biográfico se encontra no domínio do qualitativo. O método biográfico é fundamentalmente qualitativo, focado em investigar a experiência humana em profundidade e detalhe. De acordo com o pensamento de Ferrarotti (2014, p. 33), "método biográfico situa-se para além de toda a metodologia quantitativa e experimental. Os elementos quantificáveis de uma biografia são geralmente bastante pouco numerosos e marginais: a biografia provém quase inteiramente do domínio do qualitativo". Os pesquisadores que utilizam este método coletam dados através de entrevistas, histórias de vida, documentos pessoais e outras fontes primárias, e utilizam técnicas qualitativas de análise para interpretar esses dados. Eles se esforçam para capturar a perspectiva única do indivíduo, incluindo seus pensamentos, sentimentos, motivações e experiências.

O método biográfico é uma aposta científica que desafia as normas convencionais de pesquisa na sociologia. Ele argumenta que o método biográfico atribui à subjetividade um valor de conhecimento, o que é considerado "escandaloso" em alguns círculos acadêmicos. O método biográfico lê a realidade social do ponto de vista de um indivíduo historicamente determinado e se baseia em

materiais principalmente autobiográficos.

Ferrarotti (2014) critica a ideia de que a biografia não tem qualquer autonomia heurística real e é simplesmente um veículo para a coleta de informações (possuem estrutura jornalística, investigativa, cronológica e organizada) que só têm valor quando colocadas no contexto de uma interpretação mais ampla.

O autor sugere que essa visão limitada do método biográfico ignora seu potencial para oferecer clareza sobre a realidade social, que não podem ser obtidos por meio de métodos de pesquisa mais tradicionais. Ele argumenta que uma segunda fase de investigação pode integrar essas clarezas em um quadro interpretativo mais amplo.

4 A ESPECIALIDADE DO MÉTODO BIOGRÁFICO E DA MEMÓRIA EXPERIENCIAL INTERSUBJETIVA E SUBJETIVA

A especialidade do método biográfico é sua capacidade de revelar como os indivíduos e grupos sociais se adaptam, resistem e moldam as forças sociais e históricas. Ele também fornece valiosas contribuições sobre como os indivíduos aprendem, crescem e se transformam ao longo da vida.

O método biográfico é qualitativo e focado na compreensão da vida cotidiana, com as narrativas autobiográficas relatando uma práxis humana. Para uma renovação do método biográfico, é necessário focar mais nos materiais primários e sua subjetividade.

A memória experiencial articulada com o método biográfico e autobiográfico - ou seja, as memórias formadas a partir de nossas próprias experiências diretas - desempenha um papel importante na formação de nossa identidade e percepção de nós mesmos. Mafra Medeiros (2016, p. 144) diz que a Memória experiencial

[...] imediata, vivenciados através das relações do grupo de pertença do indivíduo (família, vizinhança, instituições escolares, de crenças e dos movimentos sociais) e as lembranças, a imaginação e o esquecimento, e a memória seletiva; a memória experiencial nas reminiscências nas biografias e autobiografias; e envolve também a memória da ação educativa.

A memória experiencial também é crucial nas reminiscências que são apresentadas em biografias e autobiografias. Ao recordar e narrar nossas

experiências passadas, somos capazes de articular e explorar nossa identidade de maneiras significativas.

Para revitalizar o método biográfico, os pesquisadores devem dar mais atenção a esses aspectos qualitativos e subjetivos da vida humana. Isso pode envolver a utilização de métodos de coleta e análise de dados que valorizam a experiência subjetiva e a voz do sujeito, e que procuram captar a rica complexidade e nuance da vida humana. Conforme Ferrarotti (2014, p. 40),

A condição fundamental para uma renovação do método biográfico passa pela inversão dessa tendência! Devemos abandonar o privilégio concedido aos materiais biográficos secundários! Devemos voltar a trazer para o coração do método biográfico os materiais primários e a sua subjetividade explosiva.

As entrevistas biográficas são interações sociais complexas que exigem uma compreensão profunda das normas, valores e expectativas sociais. Ferrarotti (2014, p. 43) afirma que “Toda entrevista biográfica é uma interação social completa, um sistema de papéis, de expectativa, de injunções de normas e de valores implícitos e, por vezes, até de sanções”. É importante relatar que há uma certa expectativa do entrevistado de compartilhar suas experiências e memórias de forma honesta e aberta.

O pesquisador é esperado para conduzir a entrevista de forma respeitosa e ética, garantindo que o entrevistado se sinta confortável e seguro para compartilhar suas experiências. Existem também normas sociais e culturais que podem construir a interação. Por exemplo, em algumas culturas, pode ser considerado inapropriado fazer certas perguntas ou discutir certos tópicos. Há também valores implícitos que podem influenciar a interação, como a crença na importância de ouvir e valorizar as histórias e experiências pessoais. Pode haver sanções - ou seja, consequências negativas - se essas normas e expectativas não forem cumpridas. Isso poderia incluir danos à relação entre o pesquisador e o entrevistado, ou danos à reputação do pesquisador na comunidade de pesquisa.

A articulação do "Eu" nas autobiografias refere-se ao processo de autorrepresentação e autorreflexão que ocorre quando alguém escreve sobre sua própria vida. Este é um processo profundamente pessoal que envolve a exploração e a interpretação de suas próprias experiências e memórias. Segundo Mafra

Medeiros (2016, p. 36), “um olhar mnemônico na articulação do “Eu”, nas autobiografias, do “Mim” nas biografias e testemunhos, do self através da reflexividade e dos gestos significantes construídos na interação social com o outro generalizado.” Está afirmação sugere que nosso senso de identidade é formado e expresso através de uma complexa interação de memórias pessoais, autorreflexão, percepções de outras pessoas e interações sociais.

Enfatiza a importância de dar mais atenção aos materiais primários e à subjetividade inerente a eles. Para Ferrarotti (2014, p. 47),

Para conhecer a fundo - e, sublinhemo-lo, cientificamente - o seu "objeto", o observador terá de pagar o preço de ser conhecido com a mesma profundidade. O conhecimento torna-se, então, aquilo que a metodologia sociológica sempre quis evitar: um risco.

Os materiais primários, como cartas, diários, memórias e entrevistas, são fontes diretas que fornecem informações em primeira mão sobre um tópico ou indivíduo. Eles são considerados valiosos na pesquisa biográfica porque oferecem uma visão autêntica e íntima da vida e da perspectiva do sujeito.

A pesquisa biográfica é uma interação social completa entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa, com o conhecimento sendo visto como um risco. Para conhecer profundamente o objeto de estudo, o observador precisa estar disposto a ser conhecido com a mesma profundidade.

5 CONCLUSÕES INCONCLUSAS.....

Assim, a pesquisa sobre a temática das memórias biográficas e autobiográficas possibilitaram uma reflexividade e autorreflexividade nas ações educativas filosóficas vivenciadas no Componente Curricular de Laboratório do Ensino de Filosofia no Mestrado Profissional – PROFFILO. Esse componente curricular contribuiu para o olhar para “si”, o autoconhecimento de “si”, do “outro” no processo educativo e interativo, bem como, dos produtos construídos nas “Caixas das Colheitas Filosóficas”; no “Caderno das Memórias Experienciais” intersubjetivas, subjetivas no exercício do filosofar; das suas vivências filosóficas em sala de aula, revelando o sentido e significado da relação filosofia – educação; das proposições da Base Nacional Comum Curricular nos Estados do Rio Grande do Norte, Bahia,

Paraíba e Ceará; e os desafios das escritas das experiências da filosofia na sala de aula; as escritas autobiográfica, a biográfica numa aproximação entre os filósofos pesquisador numa interface com as suas bases epistemológicas e as categorias analíticas da pesquisa utilizando os aspectos teóricos-metodológicos do interacionismo simbólico.

Outrossim, percebemos a relevância do método biográfico como uma ferramenta valiosa para compreender a vida cotidiana e as experiências individuais, permitindo uma visão holística e integrada do social. Ele é qualitativo e focado na experiência humana, utilizando entrevistas e outras fontes primárias para coletar dados e interpretá-los. No entanto, é importante dar atenção aos materiais primários e à subjetividade inerente a eles para uma renovação do método. A pesquisa biográfica é uma interação social complexa entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa, e o conhecimento é visto como um risco para o observador.

REFERÊNCIAS

FERRAROTTI, Franco. **Sobre a autonomia do Método Biográfico**. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). O método (auto)biográfico e a formação. Tradução de Maria Nóvoa. 2. ed. Natal, RN: EDUFRRN, 2014. p. 29-55.

MEDEIROS, Shirlene Santos Mafra. **Memória e Identidade Social da Formação Docente em Rio de Contas-BA, nas décadas de 1920 a 1960: reminiscências das educadoras e educadores da Cátedra à Universidade**. 2016. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista/BA, 2016.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. 19. ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2012.